

Onde mora a felicidade?

Mário César Ferreira, Professor de Psicologia da Universidade de Brasília

A conversa acontece numa mesa de bar, após o expediente. É um corriqueiro encontro semestral de quatro velhos amigos. Hábito de mais de duas décadas. Eles trabalham em instituições diferentes. Alcir, o mais velho, pauta a prosa de início de noite: "Hoje fiz um balanço da minha vida pessoal. Concluí que sou mais feliz com a família, os amigos... do que na empresa onde trabalho há mais de 20 anos". Paulo, pouco mais novo, retruca: "Engraçado! Temos quase o mesmo tempo de emprego e meu balanço é oposto ao teu.. Me sinto mais feliz onde trabalho do que com os amigos e mesmo em minha casa". Carlos entra na conversa: "Então, sou um privilegiado, pois sou feliz tanto no trabalho quanto na vida fora dele". Robson, feição de estressado, por sua vez, é enfático: "Acho que vivo no inferno! Há anos, me considero infeliz na empresa e fora dela. Essa nossa reunião semestral é uma agradável exceção". Com a TV ao fundo noticiando o Fórum de Davos 2009, o papo segue animado no bar, regado com boa cerveja, em final de janeiro chuvoso.

O cenário e os personagens no parágrafo crônica anterior são fictícios, mas o diálogo não. Ele retrata com precisão quatro modalidades bem distintas de como os trabalhadores percebem o elo trabalho assalariado e vida social. Elo que, desde sempre, foi tratado pela ideologia das corporações produtivas urbanas por meio de valores e crenças que operam uma clivagem clássica de dois mundos: vida na organização versus vida social. É banal a expressão: "Nada de trazer problemas de casa para o trabalho!" e vice-versa. Essa visão ortodoxa está em xeque. Ela é contestada, por exemplo, pelo crescimento significativo do trabalho em domicílio que problematiza o preceito da separação trabalho-casa.

Nos últimos anos, nossas pesquisas em Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), realizadas no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, mostram inequivocamente que os trabalhadores não separam o sentido que atribuem ao trabalho na organização da vida social fora dela. Ao contrário, suas falas sobre a instituição que os empregam e do trabalho que realizam estão carregadas de analogias com a vida social (casa, família, amigos). "Gostaria de ser tão feliz no trabalho quanto sou em minha casa" é um exemplo de fala emblemática de como os trabalhadores concebem a relação trabalho-vida social. Certamente, temos aqui uma pista fundamental para rever certos paradigmas organizacionais que contrariam o sentido humano do trabalho.

Para os indivíduos, as modalidades típicas de perceber o elo trabalho-vida social têm implicações distintas, por vezes paradoxais. As modalidades de felicidade polarizada (trabalho ou casa) expressam estratégias pessoais de compensação: a subjetividade roubada numa esfera é resgatada em outra e vice-versa. A compensação pode prevenir o adoecimento. Essas modalidades são as mais frequentes entre os trabalhadores. Os que amam exclusivamente o trabalho são candidatos à síndrome do esgotamento físico e psicológico. Por sua vez, os que amam só a vida social fragilizam os laços com a instituição e colocam em risco os objetivos e metas organizacionais.

A outra polarização no referido elo é a felicidade completa versus infelicidade total. Nos resultados das pesquisas, poucos são os trabalhadores que percebem o bem-estar como predominante nas duas esferas do elo. Verdadeiras raridades, eles expressam o cenário melhor dos mundos. Em contrapartida, os que vivenciam um sentimento predominante de mal-estar nas duas dimensões da relação entre trabalho-vida social são também minoritários, residuais. Eles constituem um grupo de risco para o adoecimento e os acidentes graves de trabalho.

Fortalecer o cenário melhor dos mundos em termos de felicidade ampla e irrestrita para todas as esferas da vida é, portanto, um desafio para o mundo corporativo sustentável e eticamente comprometido com o bem-estar de todos. Tal perspectiva requer, entre outras medidas, superar crenças cristalizadas de gestão do trabalho. Neste sentido, a frase atribuída ao criador da administração científica, F. Taylor é exemplar: "O operário ideal é aquele que, quando chega à fábrica, deixa o cérebro no vestiário". A felicidade de quem trabalha, certamente, não coabita com esta pérola do pensamento gerencial hegemônico.